

# Sumário

*Introdução* 9

PRIMEIRA PARTE A útil inutilidade da literatura

1. “Quem não tem não é” 31
2. Os saberes que não trazem lucro são inúteis! 33
3. O que é a água? Uma anedota de Foster Wallace 34
4. Os peixinhos de ouro do coronel Buendía 36
5. Dante e Petrarca: a literatura não é subserviente ao dinheiro 38
6. A literatura da utopia e os penicos de ouro 40
7. Jim Hawkins: caçador de tesouros ou colecionador de moedas? 44
8. *O mercador de Veneza*: a libra de carne, o reino de Belmonte e a hermenêutica de Sileno 48
9. Aristóteles: o saber não tem utilidade prática 58
10. Teórico puro ou rei-filósofo? As contradições de Platão 59
11. Kant: o gosto do belo é desinteressado 63
12. Ovídio: nada é mais útil que as artes inúteis 65
13. Montaigne: “nada é inútil, nem mesmo as inutilidades” 67

14. Leopardi *flâneur*: a escolha do inútil contra o utilitarismo de um “século soberbo e tolo” 70
15. Théophile Gautier: “o que é útil é feio” como “a latrina” 74
16. Baudelaire: um homem útil é esquelético 80
17. John Locke contra a poesia 83
18. Boccaccio: “pão” e poesia 85
19. García Lorca: é imprudente viver sem a loucura da poesia 86
20. A loucura de Dom Quixote, herói do inútil e da gratuidade 87
21. Os fatos de Coketown: as críticas de Dickens ao utilitarismo 90
22. Heidegger: é difícil compreender o inútil 92
23. A inutilidade e a essência da vida: Zhuangzi e Kakuzo Okakura 94
24. Eugène Ionesco: o útil é um peso inútil 96
25. Italo Calvino: o gratuito revela-se essencial 98
26. Emil Cioran e a flauta de Sócrates 99

## SEGUNDA PARTE A universidade-empresa e os estudantes-clientes

1. O Estado sem compromisso 103
2. Os estudantes-clientes 105

3. A universidade-empresa e os professores-burocratas 107
4. Victor Hugo: combate-se a crise não cortando os fundos destinados à cultura, mas duplicando-os 110
5. Tocqueville: as “belezas fáceis” e os perigos das democracias de mercado 114
6. Herzen: os comerciantes sem tempo 116
7. Bataille: o limite do útil e a vitalidade do supérfluo 118
8. Contra a universidade profissionalizante:  
John Henry Newman 122
9. Para que servem as línguas antigas? John Locke e Antonio Gramsci 125
10. O desaparecimento programado dos clássicos 129
11. O encontro com um clássico pode mudar a vida 131
12. As bibliotecas ameaçadas: o clamoroso caso do Instituto Warburg 133
13. O desaparecimento das livrarias históricas 136
14. A utilidade imprevisível das ciências inúteis 138
15. O que se extrai de um teorema?  
De Euclides a Arquimedes 140
16. Poincaré: a “ciência não estuda a natureza” para procurar “o útil” 142
17. “O conhecimento é uma riqueza que se pode transmitir sem se empobrecer” 147

TERCEIRA PARTE Possuir mata: *dignitas hominis*, amor, verdade

1. A voz dos clássicos 151

2. *Dignitas hominis*: a ilusão da riqueza e a prostituição  
da sabedoria 152

3. Amar para possuir mata o amor 158

4. Possuir a verdade significa matar a verdade 166

APÊNDICE: A utilidade do conhecimento inútil,  
por Abraham Flexner 177

*Notas* 201

*Agradecimentos* 221